

UMHEIMLICHE

Paulo Medeiros

Há algo estranho em certas expressões ou em certos números, alguma coisa familiarmente estranha ou estranhamente familiar. Refiro-me, no título, a duas coisas: a primeira, já perceberam, creio, diz respeito ao belíssimo e inquietante artigo de Freud, *Das unheimlich*, uma de suas mais bem elaboradas peças teórico-literárias; a outra referência, no título, escrito propositadamente errado, mas procurando manter assonância entre os termos *un* - prefixado ao *Heim* alemão, ao doméstico, ao lar, ao caseiro, ao familiar, enfim, ao *heimlich*, transformando-o em algo não-familiar, mas mantendo a raiz da familiaridade contida em certos termos – e *um*, numeral cardinal, cardinal apositivo, isto é, primeiro elemento de uma série, mas também adjetivador de alguma quantidade, porém não só isso, mas também o indefinido de um artigo ou pronome para alguma coisa imprecisa e indeterminada, bem como podendo precisar e definir muito bem algo. Enfim, continuo tentando elaborar algo sobre o *Um*, retomando o trabalho apresentado na nossa Jornada anterior.

Pretendi, na nossa Jornada anterior, organizar algumas idéias surgidas no decorrer de nossa tradução, leitura e debates sobre o Seminário de Lacan *...Ou Pior*. Acharmos por bem prosseguir um trabalho de tradução iniciado, mesmo após chegar às nossas mãos o mesmo texto já traduzido por outros, passando, então, a nos servir para consultas. Assim decidimos por considerarmos ser uma leitura criativa a que dispõe de várias traduções para um mesmo texto, propiciando várias leituras possíveis para um mesmo leitor. Convencem-nos de que nunca haverá um texto final. Mas, também, é um pretexto para o estudarmos com toda atenção. Trata-se de um texto bastante difícil, no qual Lacan coloca em jogo todo o peso de sua argumentação lógica. Para que façam uma idéia aproximada desse trabalho de tradução, passamos todo o nosso ano anterior na primeira sessão e parte deste ano, sem ainda terminá-la. Claro, poderão conjecturar, e com boa dose de razão, estamos diante de alguns lunáticos levando ao extremo seu sintoma obsessivo. O mínimo que podemos dizer é: encontremos vias plausíveis de sociabilização para nossos sintomas.

Então, retorno com este escrito para lhes apresentar algumas considerações mais sobre o *Um*, em algumas acepções, mas mantendo uma preocupação, não solucionada, sobre a geração dos números. Há como pano-de-fundo acontecimentos deletérios para nós, gente das letras e dos números, acontecimentos que nos envergonham, e, para começar, conduzo-lhes à lembrança de uma famosa fraseologia dos tempos ginasianos, quando, para nosso bem, estudávamos um pouco de Latim. A frase, conhecida por todos nós, era *delenda Carthago*, tornou-se difundida a propósito de medidas drásticas quando deviam ser tomadas com vigor e urgência. Atribui-se sua origem ao Senado Romano, nos tempos de Catão, o Antigo. Friso-a, no entanto, sem atribuir-lhe grandeza de espírito, ao contrário, fazendo assim para indicar que parece estarmos sempre no nível mais inferior de nossa bestialidade, distante das preocupações maiores do espírito. É lamentável. Mas vou aproveitá-la de algum modo para resgatar o que se quer destruir, uma cultura que nos parece estranha, mas nos é familiar. E, para tanto, continuarei a empregar o argumento da tradução.

Começarei, então, contando-lhes o início de uma história, uma história, por certo, conhecida por todos vocês, como verão. Apresentarei três versões para uma mesma narrativa.

Primeira versão:

“Era uma vez um pobre pescador, que tinha mulher e três filhos para sustentar.

“Costumava lançar sua rede quatro vezes ao dia. Aconteceu que numa ocasião, quando foi pescar, chegou na praia, preparou sua cesta, enrolou as mangas da camisa, e jogou sua rede longe, na água.”.

Segunda versão:

“Um velho pescador tinha uma esposa, um filho e duas filhas para alimentar. Era tão pobre que se via forçado a procurar diariamente a ração de que necessitavam, e assim se acostumou a lançar sua rede quatro vezes por dia ao mar”.

Terceira narrativa:

“O pescador tem quatro filhos, é pobre. Todas as manhãs joga sua rede à beira de *um* mar”.

Como já se aperceberam, refiro-me a uma das mais de mil histórias narradas no texto mais lido em nossa cultura depois da Bíblia, o assim chamado *As Mil e Uma Noites*, e trago-a para ilustrar o *Um* de que tratamos, sendo ao mesmo tempo uma pequena homenagem, muito pequena em relação à grandeza de uma Cultura como já foi a existente um dia em Bagdá e para lá de Bagdá, pois *As Mil e Uma Noites* são do Oriente, terra do sol nascente, nascente da cor do ouro contido em *Oriente, ourorient*.

Acompanhemos algumas considerações sobre o título desse famoso livro que não foi originalmente um livro e depois retornemos ao nosso pescador e ao mar que é seu, só seu. Um dos mais belos escritos sobre o assunto, nós o devemos a Jorge Luis Borges, diante do qual o que pudermos dizer parecerá opaco. Mas perguntemo-nos, como Borges o fez, por que *Mil e Uma*? Há, nos parece, algo mágico nisso, ou, no dizer de nosso Machado de Assis, nós não somos seres que pensamos com a razão, como o quis Descartes, mas sim seres que erramos com a razão, até mesmo se assim considerarmos *Les non-dupes errent* de Lacan, que tanto insistiu para considerarmos esse *Um*. Então, consideremo-lo: é muito diferente dizermos novecentos e noventa e nove, mil, e mil e um. Novecentos e noventa e nove soa-nos como de menos, com alguma coisa faltando, mas sem indicar incompletude. Mil, por sua vez, é sem mistérios, como o são os números pares, redondos. Mil e um já denota uma noção de atemporalidade e infinitude, bem mais próxima daquilo que não é uma coleção completa. Há mais, há mais de mil, isto é, há ainda um sem-número. E, se levarmos em conta a tradução inglesa de Burton, melhor ainda, *Book of the Thousand Nights and a Night*. Acentuemos a beleza dessa titulação dada por Burton: *Livro das Mil Noites e Uma Noite*. Ao lermos este título, *Book of the Thousand Nights and a Night*, estamos diante de um texto infindo, infinito, e é justamente essa a impressão que dele devemos guardar em nosso espírito, essa estranheza do infindo e eterno no *Um*.

Retornemos, então, ao nosso pescador, aquele contado como *um* nos mais de mil mais um contos. Faz muita diferença lermos, por exemplo, *o pescador joga sua rede na beira do mar*, ou: *o pescador joga sua rede no mar*, e: *o pescador joga sua rede na beira de um mar*. Não do mar ou *mar*, mas em *um* mar. Nesse *um* está todo o empenho de um tom indefinido. Não se trata mais de uma geografia, menos ainda pensarmos haver mar em Bagdá, mas esse *um* nos lança num enlevo mítico, mágico. Entramos, pelo portal desse *um*, na Poesia, na Lógica, na

Matemática e na Topologia; não estamos diante de *um* só sentido, mas muitos *uns* sentidos, nas figurabilidades da palavra em seus volteios e revolteios infindos na fala.

Há, no entanto, *o Um* e há *do Um*. Por que *do Um*? Por haver números que se sucedem a partir de haver *um* primeiro sucessor de nenhum outro. Então, algo que nos encanta nas histórias milenares de mais de mil, é justamente este começar “*Era uma vez..*” Esse *era* e esse *uma vez* apontam uma origem, mítica, para o sucessor do um primeiro, para o que virá então. Há algo atemporal aí, algo eterno e infindo. Aprendemos com a Literatura e com a Matemática do Oriente a contar e a numerar, a contar histórias e contar numerar.

Num determinado momento do seu Seminário ...*Ou Pire*, Lacan comentou:

“O primeiro UM que se designa a uma experiência admissível, eu quero dizer aceitável matematicamente, de um modo que se possa ensinar - porque é isto o que quer dizer matema - e não isso que faça apelo a esse modo de figuração grosseiro que é esse de “é mais ou menos a mesma coisa”, o que constitui o Um e mui precisamente que o justifica, que só se designa como distinto e não de nenhuma outra referência qualificativa, é que não principia senão de sua falta. E é bem no que nos aparece, na reprodução que lhe fiz do triângulo de Pascal,

1	1	1	1	1	1	1
1	2	3	4	5	6	
1	3	6	10	15		
1	4	10	20			
1	5	15				
1	6					
1						

a necessidade de distinguir cada uma dessas linhas, as quais, vocês sabem, eu penso, há um bom tempo – eu as sublinhei bastante para vocês - como elas se constituem, cada uma sendo feita da adição do que está em cima sobre a mesma linha e do que está à direita - cada uma dessas linhas sendo, então, assim constituída. Importa-nos observar o que designa cada uma dessas linhas, o engano,

a falta de fundamento que se enuncia da definição de Euclides, que é muito precisamente esta:

EUCLIDES: *Elementos*, 4, VII.

“A mônada é o que, segundo o que é cada uma delas o que pode ser dito UM e o número é precisamente esta multiplicidade que é feita de mônadas.”

Como, então - podemos nos indagar - é gerado um do Um? Não há, aí, um procedimento equivalente ao da indagação sobre o que é *um pai*? Na formalização, isto é, no processo de se adaptar a Matemática a um processamento mecânico, como a linguagem cibernética, por exemplo, encontramos em Peano uma série de axiomas a partir de três conceitos primários: o zero, o número – inteiros não-negativos - e a relação, sendo relação o “sucessor de”. Existe, portanto, um texto formal. Um texto formal é uma cadeia de símbolos. Essa cadeia de símbolos forma uma linguagem. A linguagem dos computadores, por exemplo, é o grande exemplo contemporâneo da linguagem mais popularizada. Não foi por nada que Lacan distinguiu *linguagem* e *fala*. Há uma *linguagem* autônoma em relação ao Sujeito, formando um sistema linguageiro próprio, e há a *fala*, por meio da qual o Sujeito tenta se apropriar do desejo articulado no sistema linguageiro que o habita. O Sujeito é aí, nesse sistema, um sucessor, no qual se conta e é contado. Ser pai não é uma condição universal para a sucessão; ser filho o é. Em Matemática, com Peano, podemos, creio, dizer assim: Zero é um número; se a é um número, o sucessor de a é um número; zero não é um sucessor de um número; dois números cujos sucessores são iguais são eles próprios iguais; se um conjunto S de números contém o zero e também o sucessor de todo número de S , então todo número está em S .

A escrita joyciana, uma outra forma de escrituração disso, respondeu como sendo consubstanciação, consubstanciação pai-filho à sucessão. Lacan, por sua vez, escreveu o *Um* como um nó, um nó formado por três nomes, os nomes do pai, chamando esse Um *Sinthoma*,

UMHEIMLICHE

formalizado com os nomes real-simbólico-imaginário, os nomes do pai, através do qual, isto é, desse nó, o Sujeito, pelo nó, se paternaliza. *Pelo nó me dou pai*. Ou seja: no desejo de morte ao pai é preciso saber o que disso se fazer.

Desde a origem dos tempos é expressa a geração do Um, conforme a cultura judaica no rito de *Yom Kippur*, quando o Sumo Sacerdote asperge o véu do Santuário, *Parokht*, com o sangue do animal totêmico sacrificado, há o salmodiar do triângulo da geração dos números: *ehad, ehad ve ehad, ehad ve chtaïm*, ... Ele o faz sete vezes, e a forma da aspersão, conjugada ao salmodiar, equivale ao triângulo de Pascal:

Ehad [אהת]
um
ehad ve ehad [אהת ו אהת]
um um
ehad ve chtaïm ve ehad [שתים ו אהת]
um dois um...

Considerando a proposição do mais-um de Lacan, talvez pudéssemos ler o título *Quitab Alif Laila Ua Laila* como *Livro das Mil Noites Mais Uma*, assim como Richard Burton sugeriu *Livro das Mil Noites e Uma Noite*. Nas suas páginas encontramos a vida se formando nas gestas a partir da ameaça permanente da morte. Pela *fala*, Scherazade apresenta todo o *Imaginário*, em seu *Simbólico* de uma *linguagem* da Cultura, enquanto gesta o *Real* da Vida, isto é, enquanto narra histórias, gesta um filho, salvando, assim, sua própria vida e trazendo outra vida, um filho, esse um outro um do Um.

Se, como nos ensina Freud sobre o corpo materno, “*não há outro lugar do qual possamos dizer com tanta certeza que nele já estivemos*”, o desejo articulando sempre esse corpo como sendo *heimlich*, familiar na dimensão real, o que torna possível, na dimensão simbólica, ser um do Um primordial no campo da filiação pela via imaginária da fala? O Sujeito é enquanto possa se contar a- mais, como, por exemplo, quando enuncia: *Tenho três irmãos, Paulo Ernesto e eu*. E aí, dividido, reduplica-se naquele que é contado e no que conta. O Sujeito se conta *a-mais* onde não está. Mesmo que se possa contar Mil e Um Sujeitos, haverá um Sujeito a-mais, contado ou contando.

UMHEIMLICHE

* * * * *

Idéia-núcleo:

[...] Há, no entanto, *o Um* e há *do Um*. Por que *do Um*? Por haver números que se sucedem a partir de haver *um* primeiro sucessor de nenhum outro.

[...] O Sujeito se conta *a-mais* onde não está. Mesmo que se possa contar Mil e Um Sujeitos, haverá um Sujeito *a-mais*, contado ou contando.